



ECONOMIA DOS SETORES POPULARES: uma análise sobre a precarização do trabalho na comunidade de Pau da Lima (2011, Salvador / BA)

Vinicius Goncalves dos Santos¹

João Matos Filho²

Andre Felipe Soares de Alcantara³

Vinicius Rodrigues Vieira Fernandes⁴

Werton José de Oliveira Batista⁵

Resumo: Analisa o perfil dos trabalhadores que exercem algum tipo de atividade por conta própria na comunidade Pau da Lima (BA) em 2011. Busca compreender quais as características socioeconômicas que aproximam as ocupações por conta própria da abordagem conceitual da economia dos setores populares. Constrói a hipótese de que a referência do trabalho informal utilizada pela OIT não explica o fenômeno das ocupações por conta própria nos países subdesenvolvidos. Evidencia a existência de uma precarização do trabalho na comunidade Pau da Lima. Conclui que as políticas públicas são fundamentais para a reconstrução do trabalho e uma melhor distribuição das oportunidades socioeconômicas.

Palavras-chave: Ocupações, Subemprego, Precarização do Trabalho

Abstract: Analyzes the profile of workers engaged in some kind of activity for their own account in the community Pau da Lima (BA) in 2011. Tries to understand what are the socioeconomic characteristics approaching the self-employed occupations of the conceptual approach of the economy of popular sectors. Builds the hypothesis that informal work reference used by the ILO does not explain the phenomenon of self-employed occupations in underdeveloped countries. Highlights the existence of a precarious work in the community Pau da Lima. Concludes that public policies are critical to the reconstruction of work and a better distribution of socio-economic opportunities.

Keywords: Occupations, Underemployment, Precarious Work

¹ Estudante de Pós- Graduação. Universidade Federal do rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: goncalves.economia@hotmail.com

² Doutor. Universidade Federal do rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: matosfilho@gmail.com.

³ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do rio Grande do Norte (UFRN).

⁴ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do rio Grande do Norte (UFRN).

⁵ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do rio Grande do Norte (UFRN).



1. INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas na estrutura do mercado de trabalho nas duas últimas décadas têm conduzido ao reconhecimento de que a reprodução da vida de uma parcela considerável da população está condicionada ao desenvolvimento de atividades que estão assentadas no trabalho realizado de forma individual, familiar ou associativa. Tal constatação serve de ponto de partida para compreender-se a expansão de uma diversidade de ocupações, muitas vezes consideradas informais, que já fazem parte da paisagem cotidiana dos grandes centros urbanos.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar o perfil dos trabalhadores que exercem algum tipo de atividade por conta própria na comunidade de Pau da Lima (BA). Pau da Lima é um bairro da capital baiana, situado na região do miolo central de Salvador, sendo considerado o terceiro bairro mais populoso da cidade, com uma população estimada em mais de 120.000 habitantes (CONDER, 2011).

Nessa perspectiva, desenvolve-se uma pesquisa focando os trabalhadores da comunidade que devido a situações adversas para ingressarem no mercado de trabalho acabam por desenvolverem algum tipo de atividade, em destaque para os pequenos empreendedores urbanos informais.

Diante desse cenário, busca-se compreender quais as características socioeconômicas que aproximam as ocupações por conta própria da abordagem conceitual da economia dos setores populares (KRAYCHETES, 2000). O trabalho parte da hipótese de que a referencia do trabalho informal utilizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) não explica o fenômeno das ocupações por conta própria nos países subdesenvolvidos. Nesse âmbito, ressalta-se que a partir dos dados levantados, serão problematizadas algumas questões referentes aos baixos indicadores sociais encontrados na pesquisa, além da apresentação de algumas sugestões para combater o quadro de precarização do trabalho encontrado na comunidade.

Do ponto de vista metodológico, fez-se uso de dados secundários, coletados através de pesquisas bibliográficas e documentais. Ademais, utilizam-se dados amostrais de natureza socioeconômica dos trabalhadores que exercem algum tipo de



atividade por conta própria na comunidade, tendo como base o relatório final de apuração dos dados da pesquisa socioeconômica da microrregião de Pau da Lima, que foi realizado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia no ano de 2011.

Os dados coletados serão organizados e trabalhados com a utilização do software estatístico SPSS. O uso do SPSS tem como objetivo a sistematização das informações que foram coletadas com o intuito de auxiliar no desenvolvimento da análise de estatística descritiva. Para a elaboração do procedimento da análise estatística foi selecionada uma amostra de 133 trabalhadores por conta própria da comunidade.

Além desta introdução a estrutura do artigo contém mais três seções. Na segunda seção será exposto o referencial teórico que sustenta a pesquisa. Na terceira seção apresentam-se e analisam-se os principais resultados. Por fim, têm-se as considerações finais do estudo.

2. ECONOMIA DOS SETORES POPULARES

O conceito de economia dos setores populares adotado no presente trabalho corresponde a um esforço teórico que busca definir um conjunto complexo de atividades que muitas vezes são expressas por diferentes denominações, como economia do trabalho, economia popular e solidária ou a própria economia social. Em outras palavras, prioriza-se o conceito de economia dos setores populares como:

[...] as atividades que, diferentemente da empresa capitalista, possuem uma racionalidade econômica ancorada na geração de recursos (monetários ou não) destinados a prover e repor os meios de vida, e na utilização de recursos humanos próprios, agregando, portanto, unidades de trabalho e não de inversão de capital (KRAYCHETES, p.15, 2000).

Essa economia abarca uma gama de atividades, além das atividades realizadas de forma individual ou familiar, as diversas modalidades de empreendimentos autogestionários, associativos, grupos de comercialização, escolas e projetos de educação etc.



Para Kraychetes (2000), estas formas de trabalho não se constituem como iniciativas isoladas, pois estão em constante interação com o seu entorno, relacionando-se com os mercados e circuitos produtivos dominantes. Desta forma, essa modalidade de trabalho não deve ser confundida com a economia capitalista, pois possui uma lógica econômica específica.

Trabalhar com o conceito de economia dos setores populares significa ampliar a visão para além da esfera do setor informal. Esta nova forma de enxergar as relações de reprodução da vida, para além da análise tradicional, caracterizada pelo par mercado formal e informal, permite incluir na análise diversas atividades que não seriam levadas em consideração.

Para medir o trabalho informal, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) toma a unidade econômica como ponto de partida. Tal unidade é caracterizada pela produção em pequena escala, pelo baixo nível de organização e pela quase inexistente separação entre capital e trabalho (SILVA E ENGLER, 2008). Parte-se do pressuposto de que todos os trabalhadores ocupados nas unidades econômicas com estas características são informais, sem entrar no mérito de possíveis exceções.

Porém, o que se observa é que o mercado informal seria só uma fração de um universo que se constitui por uma gama complexa de atividades. Tal fragilidade e limitação para identificar a dimensão do fenômeno da ocupação por conta própria nos países subdesenvolvidos provêm do seguinte fato:

[...] as estatísticas oficiais não levam em conta as atividades da economia pobre das cidades; por outro lado, os dados obtidos em outras fontes nem sempre são utilizáveis sem crítica ou sem o complemento de outros tipos de informação: a falta ou a debilidade dos conceitos concernentes aos fenômenos a serem estudados são, ao mesmo tempo, uma causa e uma consequência da insuficiência estatísticas (SANTOS, p.25, 2008).

A situação parece ser facilmente explicável para Santos (2008), as estatísticas adotadas pelos países subdesenvolvidos seguem a mesma metodologia que é adotada nos países desenvolvidos, o que significa dizer que estamos adotando os parâmetros próprios de uma sociedade desenvolvida, sem levar em consideração as especificidades de cada país e a sua história.



3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Segundo os dados apresentados no relatório final da pesquisa socioeconômica da comunidade de Pau da Lima, realizado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia no ano de 2011, o trabalho por conta própria na área pesquisada é realizado principalmente pelas mulheres, que representam 71,43% das ocupações catalogadas na pesquisa.

A tabela 1 indica que 51,80% dos trabalhadores por conta própria possuem uma idade entre 21 e 50 anos e 44,36% possuem 40 anos ou mais. Diante dos critérios de seleção do mercado de trabalho estas pessoas dificilmente terão alguma chance de encontrar algum emprego assalariado regular. Esta possibilidade vem a se confirmar quando se constata que 52,70% dos trabalhadores por conta própria possuem um nível de escolaridade que não ultrapassa o primeiro grau completo.

Tabela 1: Idade e Nível de Escolaridade

Faixa etária de idade	Escolaridade							Total
	Sem instrução	1º Grau incompleto	1º Grau completo	2º Grau incompleto	2º Grau completo	Superior completo	NR	
Até 20 anos	0%	1%	1%	2%	1%	0%	0%	4%
21-30 anos	1%	5%	5%	4%	4%	1%	4%	23%
31-40 anos	1%	10%	3%	2%	8%	0%	5%	29%
41-50 anos	0%	8%	5%	3%	4%	0%	3%	23%
51 ou mais anos	2%	5%	8%	2%	3%	0%	3%	22%
Total	3%	29%	21%	12%	20%	1%	15%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2: Relação entre escolaridade e idade que começou a trabalhar

Nível de escolaridade	Qual idade que começou a trabalhar							Total
	Menos de 10 anos	10-14 anos	15-17 anos	18-24 anos	25-39 anos	40-59 anos	NR	
Sem instrução	2%	1%	0%	0%	0%	0%	0%	3%



1º Grau incompleto	4%	13%	8%	4%	0%	0%	1%	29%
1º Grau completo	2%	8%	8%	4%	0%	0%	0%	21%
2º Grau incompleto	2%	5%	5%	2%	0%	0%	0%	12%
2º Grau completo	1%	5%	6%	5%	2%	1%	2%	20%
Superior completo	1%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	1%
NR	0%	2%	5%	2%	0%	0%	6%	15%
Total	11%	32%	31%	16%	2%	1%	8%	100%

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 2 mostra que 11% dos trabalhadores por conta própria começaram a trabalhar com menos de 10 anos de idade, 32% entre 10 e 14 anos de idade e 31% com idade entre 15 e 17 anos. A tabela 4 revela uma nítida relação entre a idade que começaram a trabalhar e o grau de escolaridade. Um baixo nível de instrução está diretamente relacionado com a existência de trabalho infantil.

O que se observa é que a exploração do trabalho infantil é comum no meio familiar das ocupações por conta própria. Na maioria das vezes isto ocorre devido à necessidade de ajudar financeiramente a família. Apesar de existir legislações que proibam oficialmente este tipo de trabalho, é comum encontrar a presença de menores desenvolvendo atividades, juntamente com outros membros da família. Desta forma, tem se tornando um hábito retirar as crianças da escola para que as mesmas possam ajudar na complementação da renda familiar.

Além de começar a trabalhar ainda criança ou bem jovem, 15% dos trabalhadores por conta própria possuem uma jornada de trabalho acima de 8 horas por dia e 81,20% não contribuem para previdência social (CONDER, 2011). São trabalhadores que vivem sempre na incerteza do futuro e enfrentam uma permanente insegurança em face de ameaça de doenças ou acidentes que interrompam as suas atividades. Trata-se de trabalhadores sem qualquer direito trabalhista. Assim, estão completamente desprotegidos de qualquer aparato social e não podem contar com outra coisa a não ser o seu próprio trabalho.



Tabela 3: Classificação das atividades por renda

Atividade	Renda da atividade					Total
	Até R\$ 160,00	R\$ 161,00 - R\$ 311,00	R\$ 312,00 - R\$ 622,00	R\$ 623,00 - R\$ 1244,00	Acima de R\$ 1244,00	
Vendas de doces / bomboniere	7%	0%	0%	0%	0%	7%
Venda de frutas e verduras	0%	2%	1%	0%	0%	2%
Venda de acarajé e abará	2%	0%	0%	0%	0%	2%
Serviços de beleza	9%	4%	2%	2%	1%	17%
Serralheiro	0%	0%	0%	2%	0%	2%
Revenda de roupas / Calçados	0%	0%	2%	0%	1%	2%
Revenda de Produtos de beleza	2%	1%	1%	0%	0%	3%
Prod. de produtos de limpeza	2%	1%	1%	0%	0%	3%
Mercearia / Mercadinho	2%	4%	1%	1%	1%	8%
Lavagem de carro	1%	0%	1%	0%	0%	2%
Geladinho, picolé e sorvete	11%	0%	0%	0%	0%	11%
Artesanatos e bijuterias	2%	1%	0%	0%	0%	2%
Confecções / Costura	4%	0%	2%	1%	0%	6%
Concerto de eletrodomésticos	1%	0%	0%	1%	0%	2%
Buffet e Decorações	3%	2%	0%	0%	0%	5%
Bar, Lanchonete e Restaurante	3%	5%	3%	4%	2%	17%
Produção de lanches	2%	1%	1%	0%	0%	3%
Outros	7%	1%	0%	0%	0%	8%
Total	56%	19%	12%	9%	5%	100%

Fonte: Elaboração própria.

Quanto ao tipo de atividade que realizam, a tabela 3 indica que 51% das ocupações estão relacionadas com a produção e venda de alimentos (bar, lanchonete, restaurante, geladinho, picolé, sorvete, vendas de doces, bomboniere, buffet, ornamentação, decorações, produção de lanches, venda de frutas e verduras, venda de acarajé e abará). Os resultados apontam que 74,40% das atividades auferem uma renda que não ultrapassa R\$ 311,00 (Tabela 3), o que corresponde a uma renda inferior ao Salário Mínimo no momento da pesquisa. Isso significa que tais atividades proporcionam uma renda diária média de R\$ 10,36 por dia para as despesas básicas.



Chama a atenção que 11,30% dos casos dedicam-se a produção e venda de “geladinho”, produto de pouco valor agregado. Os que se dedicam a produção e comercialização deste tipo de produto auferem uma renda na atividade que não ultrapassa R\$ 160,00. Segundo Kraychetes (2007), o que mais espanta não seria a ocorrência de algumas famílias auferirem um rendimento tão baixo, mas o fato de conviverem com tal rendimento durante um longo tempo.

Tabela 4 - Tempo de atividade e local onde realiza o trabalho

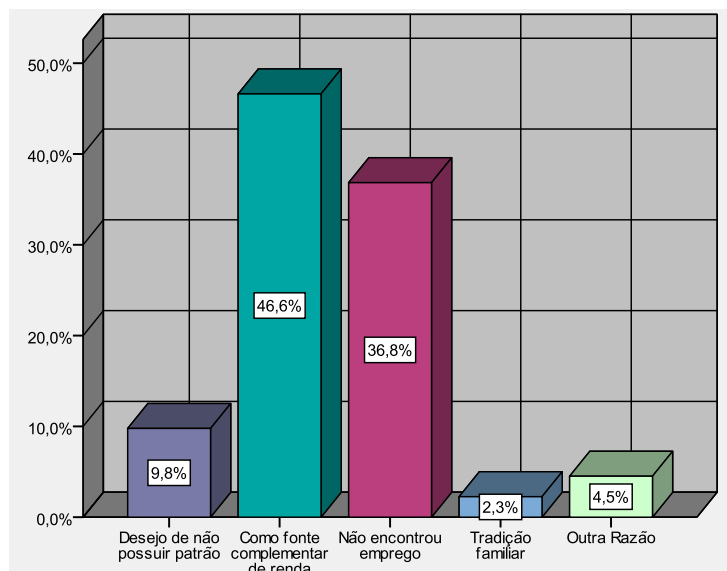
Tempo de atividade	Onde realiza atividade					Total
	Loja/Oficina/Barraca	Na casa de clientes	No seu domicílio	Veículo	Via Pública	
Menos de 1 ano	2%	0%	10%	0%	0%	11%
1 a 2 anos	4%	1%	15%	0%	2%	22%
mais de 2 a 3 anos	1%	2%	14%	1%	1%	17%
mais de 3 a 5 anos	1%	3%	11%	0%	2%	17%
mais de 5 a 10 anos	2%	1%	14%	0%	0%	17%
mais de 10 anos	3%	0%	13%	0%	0%	16%
NR	0%	0%	1%	0%	0%	1%
Total	12%	6%	77%	1%	5%	100%

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a tabela 4, identificasse que 77% das atividades são realizadas no próprio domicílio, e 81,20% dos clientes são moradores do próprio bairro (CONDER, 2011). O gráfico 1 revela que 36,84% teve no desemprego o principal motivo para iniciarem a atividade por conta própria e 46,62% tem nessa atividade uma fonte complementar de renda. Segundo os dados da própria pesquisa, é interessante observar que quando questionados sobre os seus planos para o futuro, 57% responderam que pretendem ampliar o negócio e 8% pretendem continuar como estão (CONDER, 2011). Ou seja, existe uma consciência clara da real situação do mundo do trabalho por parte dos trabalhadores que foram pesquisados. Os mesmos reconhecem o desemprego como algo evidente, presente no dia-dia, e devido as preocupações a respeito das condições essenciais de reprodução da vida os mesmo passam a nutrir como sonho uma possibilidade de ampliação das suas atividades.



Gráfico 1 - Principal motivo para iniciar atividade



Fonte: Elaboração própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa contribuíram para identificar um conjunto de atividades que não são levadas em consideração na caracterização do trabalho informal. Enquanto o trabalho informal busca definir as ocupações através do foco na unidade produtiva, a economia dos setores populares toma como referência a unidade familiar. De acordo com os dados da pesquisa, 77% das ocupações são desenvolvidas no próprio domicílio. Isso significa dizer que a referência do trabalho informal utilizada pela OIT não dá conta do fenômeno das ocupações por conta própria nos países subdesenvolvidos.

Os dados apresentado pela pesquisa revelam o cenário de precariedade que envolve as ocupações por conta própria na comunidade de Pau da Lima. Apesar de ser um estudo focalizado em uma determinada região, podemos imaginar que esse quadro está presente em diversas áreas do país, pois a precarização do trabalho é um fenômeno que tem se manifestado em larga escala no Brasil.



Isso nós leva a percepção que a problemática do trabalho não deve somente se concentrar sobre o emprego assalariado. Temos um contingente considerável de ocupações que, mesmo de forma precária, tem garantido a reprodução da vida de muitas famílias. Visto isto, passa a ser pertinente se pensar em políticas que estejam voltadas para melhoria dos indicadores sociais apresentados.

Não se trata apenas de discutir os indicadores econômicos, a idéia é que indicadores, como a renda, são condicionados por diversos circunstancias sociais. Logo, qualquer perspectiva de alteração da renda deve ocorrer conjuntamente com uma intervenção de forças exógenas que sejam capazes de impactar sobre os indicadores não-econômicos. Sendo assim, uma mudança qualitativa neste tipo de economia depende de aportes econômicos e sociais que não são reproduzíveis atualmente no seu interior.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.

CONDER. Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia. **Relatório Final de Apuração dos Dados da Pesquisa Socioeconômica da Comunidade de Pau da Lima**. Salvador, 2011.

KRAYCHETE, Gabriel; AGUIAR, Katia (orgs.). **Economia dos setores populares: sustentabilidade e estratégia de formação**. São Leopoldo: Oikos, 2007.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA, Cíntia A.; ENGLER, Helen B. **Multifaces do Trabalho Informal na Cadeia Produtiva do Calçado em Franca/SP**. 2008.